



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 27 | Jul./Dez. de 2022

Vanúcia Gnoatto

Doutoranda em História pela Universidade de Passo
Fundo/UPF.
vanuciagnoatto@gmail.com

“EU TÔ COM UM PÉ AQUI [BR]
E OUTRO LÁ [PY], EU TÔ LÁ,
MINHA VIDA É LÁ”: retornos
de brasileiros do Paraguai e
suas estratégias na fronteira.

RESUMO

O presente artigo busca analisar a reinserção de brasileiros retornados do Paraguai para a região oeste do estado do Paraná, discutindo a questão do território a partir da dimensão migratória e, ao mesmo tempo, buscando identificar a presença de redes e de estratégias criadas por estes imigrantes nesse espaço fronteiriço. Trata-se de um estudo de história oral, realizado por meio da análise de entrevistas.

Palavras-chave: Retorno. Território. Redes.

“I TÔ WITH ONE FOOT HERE
[BR] AND ANOTHER FOOT
THERE [PY], I TÔ LÁ, MY LIFE IS
THERE”: returns from
Brazilians from Paraguay and
their strategies on the border

ABSTRACT

This article seeks to analyze the reintegration of Brazilians returned from Paraguay to the western region of the state of Paraná, discussing the issue of territory from the migratory dimension and, at the same time, seeking to identify the presence of networks and strategies created by these immigrants in this border space. This is an oral history study, carried out through the analysis of interviews.

Keywords: Return. Territory. Networks

Introdução

Ao emigrar para o Paraguai, a partir da segunda metade do século XX, mais especificamente, no caso aqui analisado, entre as décadas de 1970 e 1980, imigrantes brasileiros procedentes de distintos estados, em sua maioria, da região sul do Brasil, motivados pela busca da propriedade da terra, por arrendamentos ou trabalhos no setor agrícola, realizaram um processo de desterritorialização e, em sua reterritorialização, carregaram consigo elementos das suas territorialidades dos lugares de origem. Ao retornar para o Brasil, desterritorializados, em grande parte, devido ao avanço do agronegócio na região leste do Paraguai, estes migrantes que já haviam vivenciado múltiplas territorialidades, optam pela região de fronteira com o Paraguai e, em alguns casos, vivenciam uma relação constante de idas e vindas entre os dois países, caracterizando uma transterritorialidade. Nestes processos, a presença de redes transfronteiriças interligando espaços tem uma importância fundamental, em especial, na reinserção.

O presente artigo trata-se de um estudo de história oral realizado com retornados¹ de distritos (municípios) que fazem parte do Departamento (estado) de Alto Paraná, Paraguai, distritos fronteiriços com o Brasil, atualmente residentes em municípios fronteiriços brasileiros Santa Terezinha de Itaipu e Foz do Iguaçu, no estado do Paraná. Através de entrevistas buscamos compreender as migrações destes sujeitos considerando os seus lugares retornos. Como proposta para este artigo, focaremos nos processos migratórios de retorno, dando atenção ao processo de reterritorialização destes em região de fronteira, onde o contato com o antigo país de destino é uma constante para parte destes retornados.

Migrações, territórios e redes

Com os migrantes, na saída e chegada em outro território há uma ruptura de suas raízes com um espaço no qual o sujeito vivenciou várias experiências que o faziam “se sentir em casa”, estando “entre iguais”. No entanto, desligar-se pode se caracterizar como “linha de fuga” de um “território saturado” no qual o sujeito não se

¹ Mesmo tendo o consentimento para utilização das entrevistas, firmado através da assinatura do TCLE (Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido), optamos pela utilização das iniciais dos nomes dos entrevistados, a fim de dar um resguardo maior para estes. As entrevistas foram realizadas em janeiro de 2019, em Foz do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu, ainda durante a pesquisa para a elaboração da dissertação do Mestrado em História.

sente bem, motivando assim a busca por “novos ares”, novas experiências, convivências e oportunidades, ou pela “aventura” (MONDARDO, 2012, p. 47). Aqui, no caso dos nossos entrevistados, a desterritorialização se dá devido à escassez de trabalho no campo e de terras e com valores acessíveis a estes, o que seria possível somente do outro lado da fronteira.

Para o migrante, “os hábitos de vida, expressão ou atividade do novo território, do novo lugar de destino/morada, ocorrem inevitavelmente contra o “pano de fundo” da memória, das relações outrora vividas em outro território”. Desta forma, “ambos os territórios “são vividos”, reais (e/ ou imaginários), lado a lado ou em contraponto” (MONDARDO, 2012, p. 54). Nessa perspectiva, “o território carrega uma dupla dimensão: os atributos espaciais – contiguidade e dispersão; e os atributos simbólicos – memória e identidade coletiva” (SANTOS, 2021, p. 62).

A mudança do espaço tem por consequência a mudança de territorialidade, que implica dentre outros aspectos em “mudança” de significados, de símbolos, de modos de ver e sentir, de comunicação; relações que eram produzidas em outro território e que agora são reproduzidas em um novo espaço, em novo contexto, com novas pessoas e novas relações” (MONDARDO, 2012, p. 51). Os migrantes elaboram, “sutilmente, estratégias racionais e emocionais (muitas vezes provisórias) que ajudam no processo de reconstrução simbólica e de significados no novo território, na relação com o outro” (MONDARDO, 2018, p. 39). O autor ainda acrescenta que:

É este movimento de partir, de sair de seu lugar de pertença, ao mesmo tempo carregando-o junto, em suas memórias afetivas, é criar e estar no entre-lugar. Uma condição de quem pode “viver no limite”, entre dois mundos, trafegar entre territórios diferentes, múltiplos, e ser marcado (desigualmente) por ambos, tornando-se, portanto, nem sujeito do lugar de origem, nem sujeito do lugar de destino, mas, sim, um ser trans-territorial, no limiar entre um ou outro território (MONDARDO, 2018, p. 39).

Os imigrantes, quando migram, carregam consigo suas territorialidades, construídas previamente nos territórios onde estavam. Esse fato também acontece na migração de retorno. Souza (2015, p. 89) afirma que “o migrante retornado é um sujeito diferenciado duplamente”, pois experiencia “processo de multiterritorialidade comum a todo migrante, segundo porque tanto o lugar de origem quanto ele mesmo já não são mais os mesmos, consequência direta do período de afastamento e da vivência de múltiplos territórios”. Dessa forma, “a síntese entre os territórios, o território de saída (de emigração), o de chegada (de imigração) e o de retorno, processam uma nova

territorialidade no lugar de retorno, criando assim um novo território, agora híbrido e intercultural” (SOUZA, 2015, p. 89).

Nesse espaço fronteiriço, em que a proximidade entre os países torna mais frequente as idas e vindas para os retornos para o Brasil, para parte dos imigrantes, pode ser apenas uma etapa em sua carreira migratória. Para Haesbaert e Mondardo (2010), um formato de territorialização é aquele que acontece “no e pelo movimento”. Atualmente, são numerosos aqueles que se identificam com essa forma de mobilidade, a tal ponto que o território e as identidades ali presentes são formados na multiplicidade, “pelo próprio ‘estar em movimento’ ou transitar entre múltiplos territórios, o que nos leva, também, a pensar numa forma quase constante de trânsito entre territórios ou, em outras palavras, numa ‘transterritorialidade’” (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p. 33). Esses processos são muitas vezes sustentados por redes que possibilitam a articulação entre territórios distintos.

Quanto às redes, para Saquet e Mondardo (2008), na atualidade as migrações formam uma “experiência integrada” do espaço, que somente é possível se os migrantes estão organizados em redes, por meio de várias relações que por muitas vezes abrangem o local e o global. Nos territórios de origem e de destino existem múltiplas relações e vínculos criados pelos migrantes quando realizam suas trajetórias e quando se reterritorializam. Assim, na migração a construção dos territórios, “passa por uma dinâmica em redes que conectam diferentes nós interligados através do vínculo e dos contatos estabelecidos” (SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 120).

A rede é principalmente “uma relação social, que prescindem do território como lugar do seu acontecimento e movimento” (SANTOS, 2021, p. 69). Segundo a autora, “táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais” (2021, p. 55). Essas redes, presentes nas migrações destes imigrantes brasileiros que adentram no Paraguai, também estão presentes nos retornos destes para o Brasil. Redes transfronteiriças de distintos tipos, legais e ilegais que articulam membros dos dois países visando benefícios e oportunidades.

A fronteira como um espaço de oportunidade

Os processos migratórios para o Paraguai, do qual nossos entrevistados fazem parte, aconteceram a partir da segunda metade do século XX e estão ligados à aquisição de terras e de trabalho no campo, em um contexto em que Paraguai e Brasil passaram a adotar uma geopolítica de aproximação entre os dois países, com diversos acordos e obras, sendo a de maior destaque a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Além disso, de um lado, a política paraguaia passou a ser a de ocupação e modernização agrícola da região leste do país. Para isso, passa-se a incentivar a presença exógena com a abertura das fronteiras para imigrantes brasileiros. De outro lado, na década de 1970, no Brasil, surge como política de governo que visou à modernização agrícola, que somada a um contexto de fracionamento das propriedades agrícolas familiares, dificultou a permanência de muitas famílias no campo. Somando-se a isso tudo, a construção da Usina de Itaipu surgiu como um fator de influência na emigração de brasileiros ao Paraguai, pois havia a possibilidade de adquirir terras ou de encontrar trabalhos na atividade agrícola e arrendamentos. É necessário ressaltar que o perfil dos migrantes que adentram no Paraguai é bastante distinto em questões econômicas, sociais, raciais e culturais.

A migração de retorno para o Brasil acontece mesmo durante o processo de emigração para o Paraguai. Porém, passa a ganhar mais expressividade numérica e relevância pelas questões conflitivas envolvidas a partir da segunda metade da década de 1980, quando as problemáticas ligadas à documentação de terras e pessoais, fim dos arrendamentos e conflitos no campo, foram os grandes fatores responsáveis pelo retorno de brasileiros. Na atualidade, vemos outras motivações, o agronegócio como o grande fator que impossibilitou a saída do pequeno agricultor no campo, a busca por trabalho, por serviços públicos de saúde, educação, previdência social (aposentadoria ou benefício), proximidade com familiares, entre outros fatores.

Quanto aos dados mais recentes destes retornos, conforme o Censo do IBGE de 2010, 65,6% (174.597 mil) dos imigrantes internacionais no Brasil são retornados, sendo o Paraguai o terceiro país do qual procedem estes retornados, o que representa 13,74%. As informações do Censo de 2010 apontam que o estado do Paraná é o segundo colocado entre as unidades da federação a receber retornados (BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2015).

Mas quem são esses retornados? Segundo Zamberlan e Corso (2006), o perfil socioeconômico dos brasileiros retornados do Paraguai é desigual. Pode-se ainda afirmar que os menos favorecidos ficaram em Foz do Iguaçu, atraídos pela fantasia de conseguirem facilmente um emprego. Já aqueles que possuíam mais poder aquisitivo se estabeleceram nos municípios próximos, por possuírem mais recursos financeiros para se reinserirem no Brasil. Ferrari (2007) percebe, em seus estudos, que no retorno dos brasileiros do Paraguai, estes ergueram um cinturão de miséria ao redor das cidades brasileiras, à margem do processo de modernização agrícola do país vizinho, necessitando ser integrados na sociedade que deixaram há uma geração, que, por sua vez, não apresenta um quadro social diferente daquele existente quando partiram.

Aqui é importante destacar a influência do processo de modernização agrícola que aconteceu tanto no sul do Brasil como na região leste do Paraguai, pois este levou à mecanização, ocasionando a diminuição de mão de obra no campo. Em entrevista com um retornado do Paraguai e ex-vereador em um distrito de Alto Paraná, o processo de mecanização agrícola é apontado como o responsável pelo retorno de imigrantes brasileiros para a região oeste do estado do Paraná. São trabalhadores que perdem o seu espaço pelas máquinas que, ao retornarem buscando oportunidades de trabalho, são absorvidos pelas indústrias frigoríficas, que necessitam de grande mão de obra para a realização das tarefas.

A questão de o povo imigrar de volta, uns foram para a frente do Paraguai, outros foram para o norte, muitos voltaram para a cidade aqui, vixi!!! Olha a região de Cascavel, Matelândia, São Miguel, Toledo, toda essa região ali é ninhado de “brasiguaios”; onde entrou no Brasil a avicultura, deu muito emprego de mão de obra, que era o que não tinha antigamente e absorveu todo esse povo de volta; ele foi para lá pra trabalhar com a menta, sonhar com a menta, a menta terminou, foi destocada; foi passado para a lavoura agrícola, no caso, tipo soja, milho e trigo, tem uma máquina que produz por 50 homens, então esses 50 homens sobraram. Para lá [Paraguai] foi a mecanização, aqui [Paraná] foi a industrialização que pegou eles de volta, porque o frango e o porco, o frigorífico, dependem da mão humana sim ou sim, não tem como fazer mecanizado (A.S., Foz do Iguaçu, 19 jan. 2019).

O relato do entrevistado nos aponta que um grupo considerável dos retornados emigrou para as cidades fronteiriças, espaços urbanos distintos da realidade com que eram acostumados. Conforme o estudo organizado por Zamberlan e Corso (2006), na região oeste do estado do Paraná, encontram-se retornados em todos os municípios que fazem parte da mesma, porém com um número bastante expressivo em Foz do

Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel, Missal, Itaipulândia, Medianeira e Santa Helena.

Muitos permanecem temporariamente na região, para, posteriormente, deslocar-se para outros estados com fronteira agrícola flexível. Um percentual menor mantém ligação com a região de onde migraram do Paraguai, mantendo deslocamentos transfronteiriços. Dos que permanecem na região, muitos não documentaram os filhos e vivem desempregados ou com trabalho eventual (ZAMBERLAN; CORSO, 2006, p. 87).

Em seu trabalho, desde a fundação da Casa do Migrante de Foz do Iguaçu, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego, que hoje faz parte do Ministério da Justiça, a coordenadora do espaço, constatou que:

A escolha da maioria em retornar ao Paraná, é porque o Paraná é o lugar de nascimento de muitos migrantes, principalmente dos mais novos ou porque passaram algum tempo durante a trajetória de ida ao Paraguai. Outro lugar para onde retornam é para o noroeste do RS, para dar continuidade ao trabalho agrícola em pequenas propriedades, espaços normalmente ligados às raízes familiares de seus antepassados. Esta constatação, percebida através do trabalho na Casa do Migrante, indica que o retorno normalmente está relacionado ao seu lugar de origem ou dos pais, isto porque, a grande maioria não conseguiu estudar e ter uma formação profissional em outra área, dando continuidade ao trabalho no setor agrícola. A fronteira agrícola aparece tanto no movimento de emigração, quanto do retorno. E é o principal espaço que os retornados ocupam para desenvolver suas atividades, seja na busca de uma agricultura comercial, relacionada ao plantio de grãos, bem como na criação de gado e aves (T.M., Foz do Iguaçu, 08 abr. 2019).

A fala da mesma traz presente que o retorno da grande maioria se dá para o Paraná, local em que nasceram ou residiram por um tempo, ou para o Rio Grande do Sul, no qual possuem familiares. Percebe-se que essa familiaridade e os vínculos criados e, principalmente, a possibilidade de poderem dar sequência ao trabalho com a terra, são fatores que levam à migração destes. A pouca escolaridade de parte destes retornados faz com que estes busquem atividades mais braçais ou o setor agrícola no qual atuaram por um longo período. Nesses casos, a fronteira agrícola é a que motiva a emigração ao Paraguai e a que também motiva o retorno.

O retorno de L.G. se insere nesse contexto de avanço do agronegócio que dificultou a sua permanência como pequeno agricultor em Los Cedrales. Aos poucos a sua família e mais familiares foram retornando para o Brasil, sendo que uma parte da família volta para Foz do Iguaçu e outra retorna para o estado de São Paulo.

Voltamos, um voltou esse ano, o outro daqui a dois anos, e já logo em seguida, veio todo mundo. Da nossa família que estava lá, saiu todo mundo. Quando o primeiro veio, daí dois, três anos, os outros também já vieram [...]. Moram tudo aqui em Foz do Iguaçu, a maioria, uma parte voltou para São Paulo, conseguiram comprar terra na região de São Paulo (L.G., Foz do Iguaçu, 20 jan. 2019).

No caso do entrevistado, Foz do Iguaçu já era uma cidade referência, onde este buscava auxílio médico, o que nos leva a constatar que, talvez por ser mais conhecida, tenha sido esta a opção da família. Assim, estes também acabam optando pela proximidade com a fronteira.

Os retornados se localizam, na grande maioria, na fronteira. A motivação mais provável “é que esses migrantes se enquadrem no retorno em função do fluxo de emigração, sendo esse último definido, ou orientado, pela dinâmica sócio espacial da fronteira agrícola” (FUSCO, 2008 p.7-8). Ainda, segundo o autor, “o retornado não volta ao lugar de nascimento ou para onde residem familiares que não migraram, mas ao lugar onde a dinâmica territorial os tinha deixado antes de emigrar para o Paraguai”. Em outros casos, estes migram “para outros lugares mais ativos dessa mesma dinâmica territorial (novas fronteiras agrícolas, no Mato Grosso, por exemplo)” (FUSCO, 2008 p.7-8). Constata-se, assim, que isso não é nada mais que uma sequência de um movimento migratório inacabado e suas diversas etapas. O retorno de brasileiros do Paraguai mostra que não é necessariamente o final de uma sequência migratória, mas um elemento a mais num ciclo que se repete indefinidamente.

Em seu estudo sobre o retorno de brasileiros para Marechal Candido Rondon, Silva (2010) constata que a migração para esta cidade não finda para esses sujeitos a vida de mobilidade. Se a experiência não teve sucesso, o retorno ao Paraguai ou a migração para outras frentes de ocupação são possibilidades para estes. O que, para a autora “sinaliza mais uma dimensão indeterminada, incerta e insegura, não significando a conclusão, mas sim a continuação de uma luta por um lugar na sociedade” (2010, p.56). Muitos retornados vivenciam uma mobilidade interna após o retorno, consequência “das estratégias de sobrevivência desses grupos que, muitas vezes, encontram-se desterritorializados” (BRAGA, 2011, p. 82).

Ao mesmo tempo em que se observam migrações internas destes retornados também se percebe retorno ao Paraguai ou idas e vindas, circularidade entre os dois países por interesses econômicos, familiares entre outros, levando o surgimento de uma transterritorialidade, um estar entre dois territórios. Esse “estar-entre” dois territórios é o caso de P.S., que afirma: “Eu voltei de lá [Paraguai] em 2005, eu tô com

um pé aqui [Foz do Iguaçu] e outro lá, eu tô lá, minha vida é lá” (P.S., Foz do Iguaçu, 14 jan. 2019). O retorno se dá para Foz do Iguaçu, próximo ao Paraguai, pois o entrevistado tem terras arrendadas no antigo lugar de destino, motivo que o leva a cruzar a ponte constantemente. Diante disso, como é descrito por ele, está com um pé no Brasil e outro no Paraguai, o que nos induz a concluir que a sua vida ainda está no antigo lugar. Supomos que, não somente pelo apego à terra, mas pelas relações e vivências com aquele espaço. Consegue-se enxergar a complexidade desse retorno, justamente por ele ocorrer estrategicamente para a fronteira, visando manter o vínculo com os dois países, através das idas e vindas.

Essas cidades fronteiriças possibilitam com que os retornados possam manter os vínculos com o Paraguai e negociar possibilidades de oportunidades. A presença destes nestas cidades fronteiriças do oeste do Paraná modificou significativamente as mesmas. “Os migrantes configuram espaços de alteridade em seus lugares de imigração que os posicionam como sujeitos de vivência de múltiplos territórios” (SOUZA, 2018, p. 106). O autor também acredita “que a territorialidade migrante, múltipla dada pela sua natureza, é promotora de certa reconfiguração nas paisagens e reordenamento territorial nos lugares de retorno” (SOUZA, 2018, p. 106). Um exemplo importante a ser considerado é o do município de Santa Terezinha de Itaipu, que teve uma mudança significativa devido à presença de retornados, que, em parte, buscam com o tempo, a aposentadoria ou benefício social e o atendimento médico pelo SUS, benefícios inexistentes para os imigrantes no país vizinho.

Consoante informações coletadas com a professora S.R., após a imigração dos pioneiros, primeiros imigrantes, Santa Terezinha de Itaipu recebeu uma leva de migrantes provindos de Foz do Iguaçu, desempregados da ITAIPU, que depois de finalizadas as obras, buscaram trabalho nas fazendas de Santa Terezinha de Itaipu. Estes, em sua grande maioria, eram homens que haviam deixado as famílias nas terras de origem. Na medida do tempo em que o serviço manual fora substituído pelas máquinas nas fazendas, estes buscaram se fixar na cidade, adquirindo lotes no bairro Santa Mônica. Com o retorno de brasileiros do Paraguai, esse bairro e a cidade como um todo começaram a receber outro perfil de migrante.

A fala da professora S.R. nos ajuda a entender como aconteceu essa mobilidade para a cidade e as mudanças, em especial, no seu bairro, denominado Santa Mônica, em Santa Terezinha de Itaipu. O mesmo teve, segundo o relato abaixo,

um aumento no valor dos terrenos muito grande em pouco tempo, devido à aquisição destes pelos retornados que buscavam se estabelecer no mesmo.

Quando o Paraguai começou a expulsar os brasileiros de lá, começou a renovar [o bairro] Santa Mônica, Santa Terezinha [de Itaipu], vieram com dinheiro para comprar as casas [...]. Foi na época que mudaram as políticas no Paraguai. Começaram a mudar em [19]90, [...] e dali para a frente, foram uns dez anos assim. Se alguém tinha um lote para vender, um lote, por exemplo, que valia R\$ 3.000,00, ele foi para R\$ 50.000,00 em pouco tempo, porque daí vieram os brasiguaios, o pessoal que vendia as terras e comprava aqui para se aposentar aqui, daí valorizou muito aqui (S.R., Santa Terezinha de Itaipu, 15 jan. 2019).

Essa grande procura por casas e terrenos fez com que os terrenos que antes não eram valorizados no bairro adquirissem um valor alto em pouco tempo. Pelo contexto histórico de retorno apontado pela entrevistada, podemos afirmar que isso aconteceu após a ditadura militar ter findado, período em que se intensificam os retornos de brasileiros. Percebe-se que boa parte destes retornados são pessoas de idade avançada e o retorno aqui é estratégico para conseguir acesso a serviços públicos. Como o relato abaixo aponta, presencia-se no Bairro Santa Mônica a inserção de descendentes de alemães e italianos.

Daí encheu de alemão aqui, daí mudou, a igreja mesmo. Tinha uma igreja ali que cabia 20 pessoas [...], quando começou a entrar os “brasiguaios”, eu fazia parte da diretoria da igreja, eu era ministra. De repente, construíram aquela igreja, que fica na avenida ali, uma igreja do tamanho disso daqui, eles construíram uma igreja do tamanho de um lote e ficou pequena, questão de três anos aquilo encheu, e só alemães, italianos, famílias, é diferente, pessoal de idade, viúvas que o marido arrumava outra no Paraguai e a mulher ficava aqui, veio bastante assim também. Daí começou a melhorar a cidade como um todo, a cidade cresceu (S.R., Santa Terezinha de Itaipu, 15 jan. 2019).

A entrevistada aponta que a migração de retornados trouxe mudanças sociais, culturais/religiosas e econômicas. Percebe-se que o perfil social foi modificado em seu bairro por meio da migração de retornados, que agora passou a receber, além de luso-brasileiros, descendentes de alemães e italianos que, segundo a mesma, frequentavam a igreja católica, sendo necessária a construção de uma nova igreja para acolher a grande quantidade de fiéis que haviam migrado do Paraguai. O perfil citado pela entrevista é de famílias e de mulheres separadas, conhecidas como “viúvas”, o que mostra, no caso dessas últimas, que a migração de retorno se apresenta como uma possibilidade de estas refazerem suas vidas.

Com o retorno de brasileiros, há uma alta no valor dos imóveis e terrenos, com o objetivo de se beneficiar dessa clientela, como é apontado no relato abaixo pela informante:

O lote que eu comprei e construí, ali em poucos anos, de R\$ 5.000,00 foi pra R\$ 50.000,00, em questão de cinco anos valorizou tanto né, e antes, se tinha um lote aqui, ninguém comprava. Quando tem uma casa assim, uma coisa mais cara, o pessoal espera o pessoal vir do Paraguai para comprar [...], porque está muito caro comparando com Foz do Iguaçu. [...]. Valorizou muito mais por causa dessa migração do pessoal que fez dinheiro no Paraguai, porque muitos idosos que moram aqui têm terra lá, eles trazem o dinheiro de lá e aplicam aqui. Eles vêm pela saúde, pela aposentadoria, pela facilidade, poder sair a pé e a comodidade. É que é uma cidadezinha pequena! [...]. Tudo pela comodidade de ter assistência médica, aposentadoria, ou ter um conforto melhor, porque quem não tem filho para dirigir, tem que ter tudo por perto (S.R., Santa Terezinha de Itaipu, 15 jan. 2019).

Estes retornados voltam capitalizados, adquirem terrenos ou compram uma casa por diversas motivações, muitas delas ligadas à busca de serviços públicos. Dentre eles, um grupo ainda mantém vínculos com o Paraguai, possuindo familiares e terras. Dessa forma, a proximidade com o antigo país de destino torna-se mais um fator para o estabelecimento neste espaço. Ao mesmo tempo, se constata que estes retornados possuíam ligações próximas com o país de origem antes do retorno, o que facilitava a reinserção. Percebe-se, também, que quem tem mais recursos, tem uma aceitação e acolhida maior no local de retorno, o que corresponde a uma parte dos retornados. Porém, essa não é a realidade de todos que retornam para Santa Terezinha de Itaipu, como nos descreve a coordenadora da Casa do Migrante de Foz do Iguaçu.

Grande parte dessas famílias estão residindo em Santa Terezinha de Itaipu, na região nossa aqui do oeste do Paraná. E inclusive esses dias, eu estive em Santa Terezinha de Itaipu e têm dois bairros grandes, que são todos de retornados do Paraguai, alguns até que compraram uma casa, outros alugaram, outros estão em uma área verde, esperando que a prefeitura dê para eles a casa quando estiverem documentados (T.M., Foz do Iguaçu, 06 set. 2019).

Segundo Ferrari (2009), as prefeituras dos municípios da fronteira onde a maioria dos retornados chegam, não os reconhecerem como cidadãos. Ao mesmo tempo, a oferta de serviços dessas prefeituras, quanto à saúde, segurança, moradia e emprego, não consegue absorver a demanda causada por estes, tornando-se um problema recorrente para as prefeituras. Segundo dados do diagnóstico socioterritorial,

presentes no Diário Oficial do município de Santa Terezinha de Itaipu, referentes aos imigrantes retornados residentes do município:

Vale ressaltar também o problema enfrentado pelo município referente à situação dos Brasiguaios, cidadãos legalmente brasileiros que se estabeleceram em território paraguaio e que, por razão de não terem os direitos fundamentais garantidos naquele país, acabam buscando o acesso às Políticas Sociais brasileiras, principalmente de Saúde e Assistência Social. No tocante à Assistência Social, registra-se um crescente retorno destes Brasiguaios e também de famílias de origem paraguaia, as quais estabelecem residência no município e, em sua maioria, chegam sem condições de sobrevivência, aumentando significativamente o fluxo de atendimentos (Santa Terezinha de Itaipu, 2014, p. 7).

Nesse sentido, é importante enfatizar que a presença de imigrantes brasileiros retornados tem modificado significativamente os municípios da região oeste do estado do Paraná, trazendo uma demanda a mais nas diversas áreas de serviços públicos. Estes imigrantes, atraídos por benefícios sociais, previdenciários, na área da educação e saúde e por oportunidade de trabalho, têm cruzado a fronteira e se reinserindo novamente no Brasil. É importante considerar que esta reinserção é bastante desigual quanto aos perfis econômicos, pois enquanto alguns investem em imóveis e empreendimentos, outros se reinserem em condições precárias. Porém, em grande parte das mobilidades nessa região fronteiriça, percebe-se a presença de redes.

Redes na reinserção em território fronteiriço

Na migração de retorno, percebemos a influência das redes familiares e sociais, além de outras redes. Os contatos com imigrantes que já haviam retornado ao Brasil facilitam a imigração e a reinserção. Muitos destes vão se estabelecendo em espaços onde já residem familiares ou pessoas conhecidas das comunidades onde trabalhavam no Paraguai. Quanto ao contato entre parentes, a “complexidade dos arranjos familiares que constituem a migração de retorno de brasileiros oriundos do Paraguai pode ser apontada como mais um elemento que contribui para a formação de uma comunidade transnacional ‘brasiguiaia’” (MARQUES, 2009, p. 70). A constituição dessa comunidade é determinante da circularidade que diferencia o deslocamento da população na fronteira entre os dois países.

Ao mesmo tempo, percebe-se a existência de uma rede de relações e sociabilidades que mantém essa mobilidade, que “mais do que simplesmente imagens

e ideias, elas são vividas concretamente, na medida em que vão conquistando seus espaços citadinos” (SILVA, 2010, p. 56). A chegada dos migrantes em Marechal Candido Rondon acontece em rede social, onde “uns vão trazendo os outros, são experiências socialmente compartilhadas. Essa é uma prática cultivada ao longo dos deslocamentos pelas fronteiras em meio às dificuldades encontradas pelo caminho” (SILVA, 2010, p. 56).

Ao analisar a dinâmica da migração de retorno com base em sua experiência junto aos migrantes, T.M. constatou também a existência de redes sociais e familiares

que possibilitam e, em parte, facilitam o retorno, pois vão se estabelecendo em espaços onde já residem familiares ou pessoas conhecidas das comunidades onde trabalhavam no Paraguai. [...]. É uma espécie de atração automática, onde um chama o outro, seja para a compra do terreno ou da casa em espaços próximos às pequenas cidades. O acesso aos serviços básicos também contribui no retorno e na escolha dos grupos de convivência (T.M., Foz do Iguaçu, entrevista recebida em 08 abr. 2019).

A presença de familiares ou conhecidos em um espaço torna a migração possível. A fala de D.V., natural de Apucarana, PR, que em 1979 migra pra Los Cedrales com os pais e os irmãos, e em 2015 retorna para o estado do Paraná para o município de Santa Terezinha de Itaipu, nos ajuda a entender essa dinâmica.

Você sempre fica naquela assim, trabalhar por trabalhar, de repente tá lá a vida toda e você vê os filhos pensando coisas diferentes, já querendo estar para cá [Brasil] e tal. Então, acaba que vai indo um, vai indo outro e vai se esparramando né, vai ficando mais isolado da família. Tanto que nos últimos tempos lá, já só estávamos eu e essa minha irmã [...]. Só [es]távamos ficando nós dois e os filhos querendo vir. Eu falei: “Vamos dar um jeito e vamos!” Porque os meus pais estavam aqui [Brasil], a mãe dela [esposa] estava aqui, minha sogra, todos em Foz [do Iguaçu] e a maioria dos irmãos aqui. Então a gente vai ficando cada vez mais de lado (D.V., Santa Terezinha de Itaipu, 15 jan. 2019).

A migração de familiares para o Brasil foi um fator determinante para o retorno. Algumas famílias estando isoladas no interior do Paraguai e cada vez mais distante dos seus, acabam por retornar novamente ao Brasil. O entrevistado é um retornado que ainda mantém um vínculo muito forte com o país no qual residiu, pois ainda possui uma casa e trabalha como caminheiro dentro do Paraguai, realizando um trânsito constante entre os territórios dos dois países.

Existem situações em que as famílias nucleares acabam ficando divididas entre os dois países, o que estimula os fluxos entre os mesmos. Existem situações em que

casais, por um período de tempo, acabam ficando separados em virtude do trabalho no país vizinho. Como no caso de I.C., que reside somente com a filha em Santa Terezinha de Itaipu, pois o seu esposo vive e trabalha como caminhoneiro no Paraguai por alguns meses do ano, mais especificamente, durante a safra no transporte de grãos.

Essas mesmas famílias, na grande maioria das vezes, divididas entre dois países, formam redes de auxílio, principalmente com relação a questões ligadas à saúde, como no caso do pai de I.C., que sem muitos recursos, foi conduzido pela filha para tratamento pelo SUS, no Brasil.

O pai teve problemas sérios de saúde. Ele não tinha condições de pagar o médico em Santa Rita [Paraguai], porque era tudo particular e ele foi internado no hospital Cristo Rei [...], tinha que pagar tudo. Parece que tu nunca chegavas à vez e não se descobria o que era, e o pai cada vez mais fraco. Daí eu falei para eles que ia conseguir por ele pelo SUS, que era para eles vir morar com nós, daí o pai e a mãe vieram morar com nós. Mais tarde eles venderam a terra deles lá e compraram um terreno e fizeram uma casa por aqui (I.C., Santa Terezinha de Itaipu, 14 jan. 2019).

É esse retornado que toma a iniciativa de buscar auxílio para o que está no Paraguai e deseja vir para o Brasil por ter mais acesso a informações e serviços. Permanecer na casa de um familiar dá ao que busca auxílio, a possibilidade de ter um endereço no município, o que torna mais fácil o acesso aos serviços públicos e gratuitos. O retorno de um familiar favorece a migração dos demais e auxilia na inserção destes, geralmente nos casos analisados em centros urbanos.

Conforme apareceu nas falas dos entrevistados, percebemos significativa a atuação das redes de familiares e sociais nesse processo de retorno e na reinserção ao Brasil. Entre os entrevistados, em nossas pesquisas existem aqueles que retornam de forma definitiva, tendo o auxílio de redes. Porém, também existem casos em que se fazem vários retornos, o que mostra uma vulnerabilidade das redes, pois a reinserção aparece provisória, vulnerável e frágil, o que leva o sujeito a novos processos migratórios.

Considerações finais

Conclui-se que estes processos de reinserção com o retorno trouxeram mudanças socioeconômicas e espaciais para os municípios fronteiriços. É importante ressaltar que esta reterritorialização se dá de forma desigual devido às condições

econômicas destes retornados, que estão diretamente relacionadas à inserção destes, ou não, dentro do agronegócio do Paraguai.

Por meio dos nossos entrevistados, percebemos que o retorno está ligado à questão da previdência social, acesso à saúde pública, SUS, educação dos filhos, trabalho e está associado a uma busca de maior estabilidade na velhice. Estes retornados agora experimentam o êxodo rural, saindo do campo e migrando para as cidades fronteiriças do estado do Paraná.

O retorno não é o fim das mobilidades dos sujeitos, pois poderá haver migrações internas e retornos ao Paraguai, em idas e vindas, que criam as transterritorialidades devido aos vínculos afetivos, econômicos e sociais existentes, mesmo com o retorno daquele espaço.

Podemos constatar que o território brasileiro fronteiriço ao Paraguai surge como um espaço estratégico para a fixação temporária ou permanente destes retornados. Percebe-se, também, que por meio das redes, estes vão trazendo para os novos espaços as suas territorialidades e se reinserindo, em novas territorialidades, uns de forma mais estável, por estarem mais capitalizados, enquanto outros, ou a maioria, se fixam na provisoriedade, devido à precariedade do seu retorno.

É importante também destacar a influência da migração de retorno nos municípios fronteiriços por nós pesquisados, aqui no caso, Foz do Iguaçu, mas mais especificamente Santa Terezinha de Itaipu, que presenciou uma mudança muito intensa e rápida com a volta dos brasileiros, levando à valorização de terrenos na cidade e a uma demanda de ordem social e econômica.

Referências

BOTEGA, Tuíla; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu. 2015.

Migrações internacionais de retorno no Brasil. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. CSEM. Disponível em: <https://www.csem.org.br/relatorio/migracoes-internacionais-de-retorno-no-brasil/>.

Acesso em: 20 jun. 2022.

BRAGA, Fernando Gomes. **Conexões territoriais e redes migratórias: uma análise dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil.** 2011. 129 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

FERRARI, Carlos Alberto. **Brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade.** Revista Pegada, Presidente Prudente,

v. 8, n. 2, p. 115-129, dez. 2007.

FERRARI, Carlos Alberto. **Dinâmica territorial na(s) fronteira(s)**: um estudo sobre a expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no norte do Departamento de Alto Paraná Paraguai. 2009. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

FUSCO, Wilson. **Migração e redes sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência**. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (org.). Brasileiros no mundo. v. 1. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p.159-180.

HAESBAERT, Rogério; MONDARDO, Marcos Leandro. **Transterritorialidade e antropofagia**: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. Geographia, Niterói, v.12, n. 24, p.19-50, 2010.

MARQUES, Denise Helena França. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil**: o estudo de caso dos “brasiguaios”. 2009. 171 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MONDARDO, Marcos Leandro. **Territórios migrantes**: transterritorialização e identidades em Francisco Beltrão/PR. Dourados: Editora da UFGD, 2012.

SANTA TEREZINHA DE ITAIPU. **Atos do Executivo**. Diário Oficial do Município de Santa Terezinha de Itaipu. 24 abr. 2014.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Redes e território: reflexões sobre a migração**. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. (org.). Redes, sociedades e territórios. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais**. Revista NERA, Presidente Prudente, v. 11, n.13, p. 118-127, jul./dez. 2008.

SILVA, Danusa de Lourdes Guimarães da. **“Um pé aqui e outro lá”**: experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios (Marechal Cândido Rondon/PR - 1990 - 2010). 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2010.

SOUZA, Thiago Romeu de. **Lugar de origem, lugar de Retorno**: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo. 2015. 265 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SOUZA, Thiago Romeu de. **Reflexões sobre a subalternização dos migrantes e sua emergência como sujeitos geográficos na contemporaneidade**. In: MARTINS, Isis do Mar Marques; MONDARDO, Marcos Leandro (org.). Migrações no mundo da fluidez e dos muros: movimentos, práticas e resistência na América Latina. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018. p. 82-110.

ZAMBERLAN, Jurandir; CORSO, Giovanni. **Realidade migratória na diocese de Foz do Iguaçu**: tendências da mobilidade humana nas três fronteiras. Porto Alegre: Renascença, 2006.

Fontes:

D.V., caminhoneiro, Apucarana, PR, residente em Santa Terezinha de Itaipu, entrevista concedida em 15/01/2019.

I.C., natural de Cerro Largo, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 14/01/2019.

L.G., aposentado, natural de Lavínia, São Paulo, residente em Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 20/01/2019.

P.S., professor e agricultor, natural de Selbach, RS, residente em Foz do Iguaçu, entrevista concedida em 14/01/2019.

S.R., professora, natural de Santa Catarina, residente em Santa Terezinha de Itaipu, entrevista concedida em 15/01/ 2019.

T.M., coordenadora da Casa do Migrante de Foz do Iguaçu, entrevista recebida em 08/04/2019.

Vanucia Gnoatto

Doutoranda em História com bolsa FUPF, pelo PPGH/UPF, Graduada e Mestra em História pela Universidade de Passo Fundo- UPF.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2040074873083905>

Artigo recebido em: 21 de junho de 2022.

Artigo aprovado em: 27 de outubro de 2022.